

MIL MANEIRAS DE CAÇAR

Michelle Perrot

Tradução Mariza Romero
Revisão Técnica: Yara Aun Khoury

Como foi que o historiador das possuídas de Loudun, dos místicos da época clássica, o epistemólogo da língua e da escrita da história, o leitor de Wittgenstein e o praticante de Freud veio a se interessar pelas práticas urbanas mais cotidianas, até mesmo – ainda que um menor grau – pelas do trabalho? Esse itinerário pessoal, misturado à história intelectual dos anos 1975-1980, me intriga.

O jesuíta caçador

O Michel de Certeau que eu conheci – tardiamente, modestamente – é este: o homem fascinado pelo formigamento da cidade de Manhattan. Observado do alto do World Trade Center, esse panóptico antipanóptico de onde não se vigia nada, mas de onde se vêem ruas congestionadas e vias expressas, ambas contidas entretanto na ordem da estrutura, alegoria viva da “mão invisível”, e do “Deus oculto”; o etnólogo apaixonado pelas astúcias que desviam e subvertem as regras do poder; o amigo, membro do comitê *Traverses* desde sua fundação (1974), essa revista da qual ele gostava de participar¹; historiador dos sinais e da memória, o jesuíta que se tornou caçador que, de Michel Foucault reteve, sobretudo, o riso² e, como Flaubert, pensava que “Deus está no detalhe”.

1 Um dos últimos números (*Théâtres de la mémoire*, nº 40, abril 1987) traz a marca de sua presença.

2 Certeau, M. de. *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. Paris, Gallimard, col. Folio, cap III, “Le rire de Michel Foucault”.

Michel de Certeau ensinou em Paris-VII, no departamento de etnologia dirigido por Robert Jaulin de um modo ao mesmo tempo criativo e barroco. O seminário de antropologia cultural (1973-1978) foi um grande momento, que deixou nos participantes inesquecíveis lembranças. Ele animava igualmente, com Michelle de La Pradelle e Marc Guillaume, um grupo de “Etnologia e História” no qual se esboçaram projetos pluridisciplinares. Mas, atravessado por problemas e sacudido por conflitos, o departamento oscilava como um navio sem rumo. Michel de Certeau foi deixando de colaborar, em favor de sua partida para San Diego (Califórnia), permanecendo com a orientação de teses e de pesquisas em andamento. De tudo isso nasceram encontros e uma colaboração ocasional em colóquios e bancas. Assim, Michel de Certeau manifestou grande interesse por uma mesa redonda organizada pela *Maison des Sciences de l’Homme* e pelo *Mouvement Social*, sobre as “sociabilidades obreiras”, um encontro largamente inspirado na sua abordagem. Ele juntou-se a nós por meio período e propôs que escrevêssemos um comentário para uma eventual publicação. Era 29 de novembro de 1985.

*L’invention du quotidien*³ apareceu em fevereiro de 1980, em um tempo ainda dominado pelas perspectivas disciplinares e normativas que uma leitura em corrida, abusivamente marcada pelas teorias do “controle social”, absorveu de *Vigiar e punir*, de Michel Foucault, publicado cinco anos antes (1975). Entre os dois livros, parece-me que há uma filiação evidente e mesmo reivindicada, tanto no vocabulário como na abordagem. “Estratégias” e “táticas”, importância atribuída aos “dispositivos” e à visibilidade do espaço, aos jogos de um poder infiltrado nos mínimos arranjos do cotidiano e a preocupação com o corpo fornecem um som comum. Mas é uma filiação de algum modo invertida ou, ao menos, insinuada no prolongamento de um “fragor da batalha” que evoca, para terminar, Michel Foucault.

Voltada para as formas de resistência, para as práticas de reapropriação, *L’invention du quotidien* é um livro sobre antidisciplina: ele sugere que uma sociedade não poderia se reduzir à vigilância que a gera e à programação que pretende produzi-la; um livro sobre a “arte de gozar”, atravessado por gargalhadas, que procura o prazer do jogo e os bons “golpes” (palavras muito usadas); um livro, em suma, sobre a liberdade dos atores cotidianos e a poética do espaço. Escrito em 1979, ele é precursor do antideterminismo, do antiestruturalismo dos anos 80 e do retorno do sujeito, tão presente também

3 *L’invention du quotidien*, t.I, Arts de faire, Paris, V. G. E; col 10/18, 1980. As referências a esta obra estão incluídas neste artigo.

nas últimas obras de Michel Foucault e nesse verdadeiro discurso sobre o método que introduz *L'usage des plaisirs* (1984). “A atomização do tecido social fornece, hoje, uma pertinência política à questão do sujeito”, afirma Michel de Certeau, recusando todo “individualismo metodológico” e reivindicando as aquisições da história social e cultural: cada individualidade é o lugar em que se movimenta uma pluralidade incoerente (...) destas determinações relacionais” (p. 9).

“O cotidiano é inventado com mil maneiras de caçar”, diz o autor, para quem a cidade, aberta e aventureira, é, mais do que a fábrica, o campo privilegiado. Entretanto, ele se detém sobre esta última: e aqui ele destaca uma forma importante de subversão: o operário que “peruque”, quer dizer que recupera material e utiliza as máquinas para si, subtraindo tempo da fábrica (mais do que bens, já que ele só utiliza restos), em proveito de um trabalho livre, criativo, e, por isso, sem lucro” (p. 70). Essa prática é usual na maioria das fábricas, inclusive nas soviéticas, e, contanto que não ultrapasse certos limites, a direção fecha os olhos.

*A fábrica buissonnière**

Michel de Certeau convida-nos a ler de outra maneira o espaço da fábrica. Esse lugar fechado, propício às arquiteturas e às disciplinas panópticas, é perpassado por ardis que tornam a vida suportável e transformam os regulamentos e os organogramas mais sofisticados em intenção muitas vezes vazia de realidade. A história e a sociologia do trabalho nos oferecem muitos exemplos que evocaremos brevemente, tomando os atalhos abertos por Michel de Certeau.

A resistência operária se exerce primeiro em torno do acesso – da porta – que deve se manter livre e relativamente sem controle. Os operários do século XIX, ainda muito rurais, fazem questão de uma longa pausa para o almoço, que lhes permite ir comer em casa. São capazes de chegar à rebelião para defendê-la: em Houlme (Seine-Maritime), em 1827; em Gard, em 1888, onde os mineiros fizeram a greve das “marmitas”, protestando contra a obrigação de “engolir” a refeição. Em 1907, os trabalhadores de um curtume de Gentilly uniram-se contra um novo regulamento dos horários: “Até esse momento, eles começavam sua semana, ou sua jornada, como bem queriam, levavam

* No original, *L'usine buissonnière*. Refere-se à expressão *école buissonnière*; *faire l'école buissonnière*, isto é, cabular aulas.

bebida e jogavam cartas se isto lhes dava prazer, não tolerando a menor recriminação”. Em abril do mesmo ano, os trabalhadores das fábricas de pregos de Revin (Ardennes) revoltaram-se contra um regulamento que unificava os horários nas dezoito fábricas da localidade, proibindo os operários de ir e vir como eles estavam acostumados. “Cada um, quando achava que seu trabalho estava terminado e que merecia um repouso, ia de oficina em oficina, saía para tomar um café ou fazer outras coisas”. Fazem greve durante 133 dias para conservar o direito de “tomar ar”. Essa liberdade era possível devido ao pagamento regateado e ao trabalho em equipe, por empreitada, e negociado. Até a 1ª Guerra Mundial – Yves Lequin o mostrou também para a região lionesa –, muitas fábricas eram fachadas, que dissimulavam práticas subcontratuais, limitando o controle patronal sobre o processo de trabalho.

Mesmo nos grandes estabelecimentos metalúrgicos do Norte e da Lorena, estudados por Odette Hardy-Hemery e Gerard Noiriel, não existem muros. Em Denain, mulheres e crianças levam marmitas para os homens, gesto bastante cômodo devido à proximidade de suas casas. Espaço doméstico e espaço de trabalho interpenetram-se por muito tempo. Em Pompey, os vagabundos se aquecem junto aos fornos das fábricas, a fábrica é um abrigo noturno para os sem-teto. É só a partir de 1905 que se levantam muros, melhora-se a iluminação, instalam-se campainhas elétricas, uma cozinha e banheiros. O conforto é acompanhado pela racionalização do espaço e do trabalho; e, por isso, os operários desconfiam, e os inspetores espantam-se considerando essa desconfiança como um arcaísmo. Os trabalhadores preferem a indiferenciação do terreno inculto, que permite usos privativos. Na cidade, os habitantes do povo mantêm o segredo das passagens e o *no man's land* dos seus bairros, contra os higienistas partidários dos espaços verdes. Eles temem o rigor da luz elétrica que proíbe os esconderijos, como os meninos de 1948 que quebravam os refletores da nova iluminação parisiense, símbolo e meio da “polícia da sombra”.

Astúcias operárias

A usina racionalizada deixa menos campo para as cumplicidades operárias que recuam para espaços não produtivos, chamados de “neutros” ou de “demissão” pelos organizadores. Um exemplo são os “barracos” de zinco onde, ainda hoje, os forneiros da Lorena guardam suas coisas, comem e se refugiam entre duas moldações, passando aí até quase três horas das oito de duração do trabalho. “O barraco é o mundo dos

operários”, escreve F. X. Schweyer, que os observou em 1978; “nelas, eles se encontram e gostam de ficar (...). Num espaço hierarquizado, ela é um lugar de liberdade, antes de tudo liberdade de palavra”. Aí, longe do ruído ensurdecedor dos fornos, os fundidores podem conversar. “Ali, eles falam à vontade, criticam ou riem de um superior, e podem fazê-lo com toda liberdade. Gosta-se de falar sobretudo do contramestre.”⁴ Salvo em caso de extrema urgência, os chefes da fábrica não se aventuram nos barracos.

E ainda, os banheiros que, como em toda coletividade fechada (internato, liceu, prisão...), são áreas verdadeiramente “privadas”. Quando na fábrica o ritmo aperta, é neles que se fuma, conversa, se escrevem frases de protesto ou obscenas nas paredes. Nas fábricas têxteis, os contra-mestres vigiam as saídas. Em 1930, em Armentières, as operárias fizeram greve porque a direção, para evitar longas estadias, vaporizavam os banheiros. “No sistema fechado do vagão, só os W.C. têm uma saída”, escreve Michel de Certeau, a propósito do trem naval e carcerário que ele evoca como figura simbólica (p. 199). Mas são principalmente os vestiários e as duchas que – em princípio obrigatórios nos grandes estabelecimentos do século XIX – favorecem o descanso. Prazer de trocar de roupa para ir embora, misturar-se à aparente igualdade da massa urbana; jatos de água onde os corpos suados, sujos, dominados, dos mineiros e dos metalúrgicos reencontram sua pele e, na sua nudez, sua existência individual, sua virilidade exaltada com brincadeiras. “A ducha, nossa algazarra, enquanto nos lavávamos, ríamos, fazíamos bagunça. Quando me lembro, quando vejo as duchas destruídas, ainda tenho saudade”, recorda-se um operário das siderurgias de Pompey, fechadas no verão de 1986.⁵ A memória operária prende-se a esse espaço de convívio, até mais do que a seus instrumentos de trabalho.

A organização científica do trabalho, dupla racionalização do espaço e do tempo, limita constantemente as margens de manobra. A astúcia operária, então, insinua-se no próprio centro do sistema. Para limitar as cadências, é preciso um consenso, que os veteranos esforçam-se para inculcar nos mais jovens, tarefa que não é fácil, principalmente entre os que vêm do campo, que querem ganhar e, portanto, “meter a cara”. Philippe Benoux⁶ e Daniel Mothè mostraram como os O.S., categoria mais oprimida dos trabalhadores, se apropriam do ritmo de trabalho para forjar sua identidade e viver

4 Serge Bonnet, *L'homme de fer*, t.IV . Documento 87, p. 279.

5 *La Treuille*, 1986, p. 56.

6 Bernoux, Ph. *Un travail à soi*. Toulouse, Privat, 1981.

a fábrica. Mostram como, em particular, eles conseguem dominar quase completamente um fluxo produtivo que, entretanto, foi concebido para fluir ininterruptamente através deles como se fossem transparentes. Daniel Mothè anota no seu diário: “Admiração e também perplexidade diante do modo como os rapazes, tal qual virtuosos, dominam a cadência. Não se trata apenas de um fenômeno individual, que faz com que este ou aquele seja mais hábil, adiante mais facilmente o trabalho, mas de um consenso, em que um maestro invisível faz com que se avance na cadência para aumentar o tempo do almoço; com que se deixe uma margem para os companheiros do segundo turno que será retribuída (...). Lógica de reapropriação do tempo e de si mesmo”⁷. Tudo isso supõe convivência e segredo, uma organização clandestina, verdadeiro contrapoder que permite aos trabalhadores desarticulados a reconstituição de sua identidade: “o nós” do ator coletivo. No mesmo sentido, as tentativas de se atribuir um lugar e permanecer nele, individualizando-o; ou ainda o uso de apelidos para designar os colegas e mesmo as máquinas, freqüentemente feminilizadas e mesmo erotizadas, são outras tantas demarcações de lugares, dos materiais e dos objetos.

A sociologia do trabalho dos anos 1970-80 preocupou-se, aliás, em encontrar dentro e fora da fábrica essas práticas de autonomia operária que ilustram os marcos da *Organização Social do Trabalho* e de certa forma o fracasso do taylorismo.

Essa organização coloca o *turn over* e o absentismo não mais negativamente nem como dificuldade de adaptação ao ritmo obsedante de trabalho por parte de trabalhadores preguiçosos e subdesenvolvidos; mas como atitudes voluntárias de resistência à norma industrial e como preservação de um modo de vida.

O historiador do mundo operário só pode se subscrever a tais análises e sublinhar, então, o quanto a formação da mão-de-obra industrial e da classe operária é fruto, historicamente, de processos longos e difíceis, a serem perpetuamente refeitos, nunca verdadeiramente acabados. O recente livro de Évelyne Desbois, Bruno Mattéi e Yves Jeanneau, *La foi des charbonniers*,⁸ fornece um exemplo suplementar. Só a batalha do carvão dos anos 1945-47, no quadro da nacionalização, conseguiu atingir os objetivos dos mineiros rebeldes e instáveis, sempre em fuga diante desse “belo trabalho” que eles não queriam. O caráter holístico de imagens totalitárias que finalmente os submergem

7 Citado por Ph. Bernoux, op cit., p. 30.

8 *La foi des charbonniers. Les mineurs dans les batailles du charbon, 1845-47*. Paris, Maison des sciences de l’homme, Ethnologie de la France, 1986.

não deve tornar esquecida a multiplicidade de seus destinos. Por detrás das categorias unificadoras, indivíduos; por detrás da linearidade de percursos muito simples, os mil atalhos das intrigas particulares. A história operária é, à sua maneira, uma esquiwa.

Essa é também a lição de Michel de Certeau. Eu gostaria, para terminar, de dizer a que ponto ela me parece atual. Mostrando os consumidores como “produtores desconhecidos, poetas de suas coisas”, sublinhando o quanto a variedade das artes de fazer é estimulada pela intensidade das redes de comunicação destinadas a canalizá-las, Certeau demonstra a vitalidade de uma sociedade civil, cuja asfixia era prevista e que, no entanto, revela sua inventividade⁹. Ali onde o psicólogo das multidões do século passado via apenas massas amorfas a serem domesticadas, os indivíduos, solidários na sua solidão, dissipam as brumas e frustram o déspota.

Anti-Bentham, Michel de Certeau nos diz que a história é uma arte da fuga e que *L'invention du quotidien* pode ser a invenção das nossas liberdades.

9 Alusão às greves, estudantis e operárias, de dezembro de 1986.